



Brincar e Interações no Retorno Presencial à Creche: ressignificações infantis em tempos de pandemia

Play and Interactions in the Return to In-Person Daycare: children's re-significations in times of pandemic

Juego e Interacciones en el Regreso Presencial a la Guardería: resignificaciones infantiles en tiempos de pandemia

Giselle Carolina da Silva

Mestre em Educação | Universidade Municipal de São Caetano do Sul | USCS | São Caetano do Sul | SP | Brasil
E-mail: giselle_carolina@outlook.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8812-1231>

Marta Regina Paulo da Silva

Doutora em Educação | Universidade Municipal de São Caetano do Sul | USCS | São Caetano do Sul | SP | Brasil
E-mail: marta.silva@online.uscs.edu.br. | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8574-760X>

Vanessa Roberta do Amaral

Mestre em Educação | Universidade Municipal de São Caetano do Sul | USCS | São Caetano do Sul | SP | Brasil
E-mail: vanessa.barbosa@uscsonline.com.br. | ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4741-7888>

Resumo:

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo compreender como as crianças ressignificaram o brincar e as interações no contexto do retorno presencial à creche durante a pandemia de Covid-19. O estudo foi desenvolvido com crianças de 3 a 4 anos de idade em uma creche municipal de Santo André/SP e fundamentou-se nos estudos sociais da infância. A análise dos dados evidencia a potência da ação das crianças na produção das culturas infantis e revela que, por meio das brincadeiras e das interações, elas mobilizaram elementos do contexto pandêmico, elaborando formas próprias de participação, negociação e transgressão, mesmo em um cenário marcado por protocolos sanitários restritivos. Além disso, demonstra os limites do ensino remoto e híbrido para crianças pequenas, sobretudo em relação às oportunidades de brincar, conviver e compartilhar o cotidiano com seus pares, reafirmando a relevância da creche como espaço educativo. Conclui-se que as crianças assumiram um papel ativo na atribuição de significados a esse período histórico, demonstrando capacidade de interpretar, apropriar-se e reinventar as vivências decorrentes da pandemia. O estudo amplia a compreensão sobre os impactos desse contexto nas infâncias, ao conferir visibilidade às experiências, às vozes das crianças e às formas pelas quais elas interpretaram e responderam aos desafios do retorno presencial.

Palavras-chave: Creche. Interações. Brincar. Retorno Presencial. Pandemia.

Abstract:

This article presents the findings of a master's research project that aimed to understand how children re-signified play and social interactions in the context of returning to in-person daycare during the

COVID-19 pandemic. The study was conducted with children aged three to four years at a municipal daycare center in Santo André, São Paulo, Brazil, and was grounded in the Sociology of Childhood. Data analysis highlights children's agency in shaping peer cultures and shows that, through play and social interactions, they incorporated elements of the pandemic context, developing their own ways of interacting, negotiating, and transgressing, even within a setting marked by restrictive health protocols. The findings also reveal the limitations of remote and hybrid education for young children, particularly regarding opportunities to play, interact, and engage with peers, reaffirming the importance of daycare centers as educational and social spaces. The study concludes that children played an active role in making sense of this historical period, demonstrating their ability to interpret, appropriate, and reinvent their lived experiences during the pandemic. By foregrounding children's perspectives, the study contributes to a broader understanding of the impacts of the pandemic on childhoods and of the diverse ways in which children interpreted and responded to the challenges of returning to in-person education.

Keywords: Daycare Center. Social Interactions. Play. Return to In-Person Education. Pandemic.

Resumen:

Este artículo presenta los resultados de una investigación de maestría cuyo objetivo fue comprender cómo los niños y las niñas resignificaron el juego y las interacciones en el contexto del regreso presencial a la guardería durante la pandemia de COVID-19. El estudio se desarrolló con niños y niñas de 3 a 4 años de edad en una guardería municipal de Santo André, São Paulo, Brasil, y se fundamentó en los Estudios Sociales de la Infancia. El análisis de los datos pone de manifiesto la potencia de la acción infantil en la producción de las culturas infantiles y revela que, a través del juego y de las interacciones, los niños y las niñas movilizaron elementos del contexto pandémico, elaborando formas propias de participación, negociación y transgresión, incluso en un escenario marcado por protocolos sanitarios restrictivos. Asimismo, evidencia las limitaciones de la enseñanza remota e híbrida para los niños pequeños, especialmente en lo que respecta a las oportunidades de jugar, convivir y compartir la vida cotidiana con sus pares, reafirmando la relevancia de la guardería como espacio educativo. Se concluye que los niños y las niñas asumieron un papel activo en la atribución de significados a ese período histórico, demostrando su capacidad para interpretar, apropiarse y reinventar las vivencias derivadas de la pandemia. El estudio amplía la comprensión sobre los impactos de este contexto en las infancias, al dar visibilidad a las experiencias, a las voces de los niños y las niñas y a las formas en que interpretaron y respondieron a los desafíos del regreso presencial.

Palabras claves: Guardería. Interacciones. Juego. Regreso Presencial. Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2020 o mundo foi surpreendido pelo Coronavírus (Covid-19), uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS Co V-2 que, com enorme potencial de contaminação entre os seres humanos, levou a óbito milhões de pessoas pelo mundo. Em decorrência da situação emergencial causada por esse vírus, inúmeros países decretaram estado pandêmico, inclusive o Brasil, que teve como uma das medidas governamentais de enfrentamento à disseminação do vírus, o isolamento social. Essa decisão impactou diversos setores, entre eles a educação, que adotou como estratégia o atendimento educacional remoto às crianças. Assim, meninas e meninos vivenciaram a

interrupção imprevisível e repentina da frequência nos espaços educacionais, sendo a convivência com seus pares e educadoras e educadores suspensa por um longo período de tempo.

No que tange as especificidades da creche, dentre os desafios estava o de propor um atendimento aos bebês e crianças pequenas sem ferir seus direitos às interações e às brincadeiras, eixos estruturantes do trabalho pedagógico na Educação Infantil (Brasil, 2010). Com o objetivo primordial no desenvolvimento integral das crianças e de suas aprendizagens, a dinâmica da creche ocorre por meio de uma “[...] experiência educativa eminentemente interativa, sem listagem de conteúdos previamente definidos” (Finco; Silva; Schifino, 2023, p. 3). De repente, no âmbito do contexto pandêmico, essa experiência foi silenciada. As crianças passaram a interagir com suas educadoras e educadores por meio das telas (aparelhos celulares, computadores e *tablets*). Em casa, com seus familiares, tiveram que se acostumar a uma nova rotina.

Com a suspensão das atividades presenciais, as famílias passaram a concentrar, no espaço doméstico, responsabilidades relacionadas ao cuidado das crianças, ao acompanhamento das propostas encaminhadas pelas instituições de educação e, em muitos casos, ao trabalho remoto e às atividades domésticas. Esse rearranjo produziu uma intensificação das demandas familiares e redefiniu as relações entre escola e família. Na Educação Infantil, as orientações do Conselho Nacional de Educação enfatizaram que as ações desenvolvidas durante o período deveriam priorizar a aproximação com as famílias e a manutenção dos vínculos com as crianças, respeitando as especificidades dessa etapa, marcada pelas interações e pelas brincadeiras como eixos estruturantes (Brasil, 2020). Estudos produzidos durante a pandemia, dentre eles o de Vieira (2021), também evidenciam que o currículo e as práticas pedagógicas precisaram ser reconfigurados, ao mesmo tempo em que as famílias assumiram um protagonismo inédito na mediação das experiências educativas das crianças pequenas.

A Rede Municipal de Educação de Santo André, local onde a pesquisa foi realizada, como outras redes de ensino, estendeu o atendimento exclusivamente remoto até o início de junho de 2021, seguindo as orientações da Secretaria de Educação do município por meio da “Orientação Normativa – DEIF/SE – Ensino Remoto” (Santo André, 2020). Essa e outras normativas (Santo André, 2021a; 2021b) passaram a orientar o convívio no espaço da creche, tendo como principais orientações: evitar aglomeração; manter distanciamento mínimo de 1,5 metro entre as pessoas; uso de máscara facial pelas(os) adultas(os), sendo facultativo para as crianças, embora devendo ser incentivado principalmente entre as crianças de 3 a 4 anos; higienização constante das mãos, objetos e superfícies; entre outros procedimentos.

O retorno aos espaços da creche ocorreu em meio a muitas incertezas, dúvidas, medos, inseguranças e inquietações, visto que, naquele momento, ainda vivíamos em um contexto

pandêmico. Ante esse cenário, uma das inquietações das equipes educativas referia-se às interações e às brincadeiras, como garanti-las em face aos protocolos sanitários que orientavam o distanciamento entre as pessoas.

Soma-se a essas incertezas a reduzida visibilidade conferida às experiências e às vozes das crianças durante a pandemia de COVID-19. Ainda que diretamente afetadas pelo fechamento das escolas, pelo isolamento social e pela reorganização das relações familiares e educativas, elas foram pouco incluídas nos processos de escuta e participação que orientaram as respostas institucionais à crise, revelando a permanência de perspectivas adultocêntricas na formulação das políticas e práticas voltadas à infância (Sarmiento, 2022; UNICEF, 2021).

Embora reconhecidas nos termos da lei como sujeito de direitos (Brasil, 1988), ainda pesa sobre as crianças uma história de silenciamento que nega às meninas e aos meninos o direito de dizerem a sua palavra e desqualifica a sua cultura (Silva; Fasano, 2020). Esse silenciamento não só se tornou explícito quanto foi agravado na pandemia, visto não haver qualquer iniciativa dos governos em escutar as crianças sobre aquele momento (Finco; Silva; Schifino, 2023). Nesse sentido, escutá-las sobre o contexto pandêmico implica em problematizar sua (in)visibilidade e reafirmar seu papel como atores sociais que leem e comunicam o mundo e que, portanto, têm o direito de participar das decisões que dizem respeito à sua vida.

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa de mestrado (Silva, 2022) que teve por objetivo compreender o modo como as crianças ressignificaram o brincar e as interações em face ao retorno presencial à creche em tempos de pandemia. O termo **ressignificação** refere-se ao processo pelo qual as crianças atribuem novos sentidos às experiências vividas, reinterpretando elementos da cultura adulta em suas brincadeiras e interações. Nessa perspectiva, a ressignificação não é compreendida como mera reprodução da realidade, mas como um movimento de elaboração simbólica que, conforme a noção de reprodução interpretativa de Corsaro (2002; 2011), permite às crianças apropriarem-se criativamente dos acontecimentos sociais e, em interação com seus pares, produzirem culturas infantis (Sarmiento, 2021; Silva 2017).

A investigação foi realizada em uma creche municipal de Santo André/SP com crianças de 3 a 4 anos de idade, por meio de uma pesquisa com crianças, cujos procedimentos metodológicos foram: a observação, a escuta, os registros escritos da professora-pesquisadora¹, filmagens, fotografias e desenhos das crianças. O referencial teórico dialogou com os estudos sociais da infância, o que permitiu problematizar e reafirmar o direito das crianças às brincadeiras e às interações em um

¹ Neste texto referimo-nos ao termo “professora-pesquisadora” para indicar que a pesquisa foi realizada com a turma de crianças em que a pesquisadora era também professora.

contexto cerceado por protocolos sanitários.

O artigo está organizado da seguinte forma: em um primeiro momento apresenta o percurso metodológico da pesquisa com crianças; na sequência discute os resultados, um encontro com o universo infantil em que nos deparamos com os modos pelos quais as crianças ressignificaram as experiências vividas durante a pandemia por meio das brincadeiras e das interações no retorno presencial à creche, em um contexto marcado por resistências, transgressões e pelas restrições impostas pelos protocolos sanitários.

Desejamos com este trabalho não apenas registrar o momento histórico de crise sanitária que assolou o mundo, mas, sobretudo, visibilizar as vozes das crianças, expressas por suas múltiplas linguagens, em especial durante as brincadeiras, espaços privilegiados de produção das culturas infantis. Com isso, esperamos que, fieis à defesa dos direitos das crianças de dizerem a sua palavra, possamos contribuir, juntamente com outros estudos, na compreensão sobre como meninas e meninos vivenciaram o retorno presencial à creche: o que sentiam, viviam e pensavam.

2 PESQUISA COM CRIANÇAS: AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa ocorreu em um contexto inusitado: o retorno das crianças à creche, em junho de 2021, após um ano e meio em que as interações haviam ocorrido predominantemente por meio das telas. Nesse cenário, era preciso não apenas acolher as crianças, mas escutá-las e compreender como produziam sentidos sobre as experiências vividas durante a pandemia, reinterpretando-as em suas brincadeiras e nas interações com seus pares e com as(os) educadoras(es) em um ambiente prescrito por protocolos sanitários que, entre outras medidas, orientavam o distanciamento social.

Nessa perspectiva, a opção metodológica foi por uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, visto que não tínhamos referências de como seriam essas interações nesse retorno presencial. Cabe esclarecer que muitas crianças foram matriculadas na creche durante a pandemia, portanto, não conheciam o espaço físico e nem as(os) profissionais que nela atuavam, o mesmo em relação às outras crianças, cujo contato ocorreu, até então, por meio das telas. Assim, em uma interlocução com os estudos sociais da infância, realizamos uma pesquisa *com* crianças de 3 a 4 anos em uma creche municipal de Santo André, local em que a pesquisadora atuava como professora.

A pesquisa com crianças difere daquelas que realizam investigações sobre as crianças. Isso porque, pesquisar com as crianças implica em acreditar em sua capacidade de construir conhecimento conjunto, o que se caracteriza como um desafio e um aprendizado às(aos) pesquisadoras(es), em especial em uma sociedade adultocêntrica como a brasileira, haja vista que as leituras de mundo das crianças são diferentes das leituras das(os) adultas(os) (Silva; Fasano, 2020). Nesse sentido, pesquisar

com as crianças nos solicita adentrar nesse universo infantil de modo a conhecê-las e a compreendê-las.

Contudo, a entrada nos territórios brincantes das crianças deve ser autorizada por elas. Sendo assim, além da autorização de suas(seus) responsáveis legais para a participação na pesquisa, as crianças foram consultadas sobre sua possível participação na investigação, por meio de uma roda de conversa com a professora-pesquisadora. Todas as crianças aceitaram, 16 no total, sendo 9 meninas e 7 meninos. Nesse diálogo elas também foram consultadas sobre como gostariam de ser identificadas no estudo, a maioria optou por nomes fictícios. Com as devidas autorizações, a pesquisa de campo ocorreu desde o primeiro dia do retorno das crianças à creche, em 07 de junho de 2021, até meados de dezembro do mesmo ano letivo².

Para adentrar nesse universo das crianças, dois procedimentos foram fundamentais: a observação e a escuta, no intuito de compreender, desde suas perspectivas, os sentidos atribuídos às experiências vividas durante a pandemia, reinterpretando-as em suas brincadeiras e interações. Concordamos com Corsaro (2009, p. 85) que:

A aproximação mais efetiva ocorre quando o pesquisador toma compreensão dos sentidos e da organização social com tema de pesquisa a partir de uma perspectiva de dentro, aprendendo a se tornar um membro do grupo, documentando e refletindo sobre o processo.

Estar entre e com as crianças permitiu entender suas interpretações, assimilações, compreensões do mundo e suas produções culturais (Pedrosa; Santos, 2009). Nesse processo, escutá-las, em suas múltiplas linguagens, possibilitou a construção de uma relação de proximidade, de sensibilidade, de compromisso com as vozes infantis, de respeito e valorização de suas leituras de mundo. Defendemos com Freire (2019, p. 117) que escutar “[...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”, em uma relação dialógica em que todas e todos são afetadas(os). Nesse sentido, escutar transcende o ato neurofisiológico de ouvir, trata-se de uma atitude de profundo respeito ao(à) outro(a), reconhecendo-o(a) em sua alteridade. Essa disponibilidade permanente diz de uma postura do(a) educador(a) diante do(a) educando(a) caracterizada pelo respeito e amorosidade frente a alguém que se reconhece como sujeito dotado de autonomia e de uma leitura de mundo particular (Silva *et al.*, 2023).

Destarte, como forma de potencializar a escuta às crianças e melhor compreender suas interações e brincadeiras no contexto da investigação, algumas propostas foram realizadas pela

² A pesquisa teve aprovação da Secretaria Municipal de Educação de Santo André e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme o Parecer de número 4.894.976.

professora-pesquisadora, com a intenção de proporcionar espaços para as narrativas infantis: leituras e contação de histórias, produções de desenhos e organização de contextos brincantes tanto no espaço interno quanto no espaço externo da creche, em meio a natureza.

A escolha pela leitura e contação de história fundamentou-se em estudos que afirmam que por meio do imaginário infantil, despertado pelas histórias, as crianças têm a oportunidade de se envolverem em situações diversas do mundo adulto, potencializando sua compreensão (Finco; Seveso, 2018). Assim, dentre as várias leituras e contação de histórias, a leitura do livro *O livro Eu te amo*, de autoria de Todd Parr (2010), fez parte do acolhimento das crianças logo na primeira semana do retorno, com o intuito de que elas pudessem expressar suas emoções e sentimentos no (re)estalecimento das relações com seus pares, uma vez que, “A narração proporciona coerência, continuidade e conexão aos acontecimentos da experiência, mas também contribui para dar respostas emocionais a tudo isso” (Mata, 2015, p. 67).

O desenho infantil foi outra proposta que fez parte do estudo, considerando que “[...] como produção das crianças, é digno de ser analisado como documento, revelando-nos representações de mundos” (Pimenta, 2016, p. 33). Enquanto uma das linguagens humanas, os desenhos revelam as leituras de mundo das crianças, a partir de seus pensamentos, emoções, sentimentos, impressões, interesses, dentre outros aspectos importantes para elas.

Com relação aos contextos de brincadeiras, importante salientar que alguns foram planejados pela professora-pesquisadora, outros foram constituídos pelas próprias crianças. A brincadeira é a atividade central na vida das crianças, sendo ela reveladora das formas com as quais meninas e meninos leem e comunicam o mundo. Segundo Corsaro (2002), as representações das crianças por meio das brincadeiras de faz de conta evidenciam que o “brincar sociodramático” está relacionado a suas experiências vividas nos espaços em que convivem. Desse modo, ao compartilharem com seus pares, expressam de maneira criativa o que apreenderam da cultura adulta, ressignificando-a e produzindo assim as culturas infantis.

No intuito de garantir o rigor científico, as observações e escutas do cotidiano das crianças foram minuciosamente registradas pela professora-pesquisadora por meio do seu diário de bordo, fotografias, filmagens e áudios gravados durante as brincadeiras e interações das crianças, sendo esses dois últimos transcritos na íntegra para posterior análise. Entre esses múltiplos registros, a fotografia desempenhou um papel fundamental, tanto no decorrer da investigação como para as análises posteriores, uma vez que permitiu um olhar mais apurado para os fazeres e saberes das crianças, revelando seus interesses e encantamentos. Gobbi (2011, p. 1221) assevera que,

Investigar minuciosamente as fotografias permite conhecer ou levantar hipóteses sobre como

as relações sociais estão sendo construídas, tanto pelos fotografados como pelo fotógrafo e tantos outros que, às vezes, anonimamente, envolvem-se das mais diversas maneiras com o ato fotográfico. A partir destas expressões imagéticas é possível conversar com as crianças fotografadas e com isso conjugar tais imagens a outras linguagens.

Esses múltiplos registros, realizados durante toda a pesquisa, possibilitaram a construção de “[...] narrativa, memória e ao mesmo tempo conteúdo para investigação sobre a prática pedagógica e a ampliação do conhecimento sobre as crianças, ao longo de um processo” (Ostetto, 2017, p. 39), no caso deste estudo, sobre como as crianças ressignificaram as interações e as brincadeiras no retorno presencial à creche. Retorno esse marcado por protocolos sanitários, que restringiam o contato físico e ditavam novas formas de acolhimento das crianças pequenas e de suas famílias.

3 “É O CORONA, ELE ESTÁ PRESO”: VOZES INFANTIS NO RETORNO PRESENCIAL À CRECHE

Durante o período de isolamento social, a creche, sem criança, viveu um enorme vazio: sem voz, sem movimento, sem vida. O vírus, como assevera Kohan (2020, p. 5), “[...] decretou uma morte, pelo menos temporariamente, das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar [...] sem corpos presentes”. O retorno das crianças, portanto, marcava o retorno a essa vida pulsante que encontramos dentro desses espaços educativos, ainda que mediante a registros e protocolos que desafiavam a viabilidade de (re)estabelecermos vínculos, afetos, brincadeiras; de estarmos juntas(os) novamente.

Um retorno que foi ocorrendo ao longo do segundo semestre de 2021, visto que, apesar do direito de retornar à creche, não havia, à princípio, a obrigatoriedade, sendo esse facultativo, uma opção das(os) responsáveis legais pelas crianças, conforme Decreto nº 17.679 (Santo André, 2021a). Esse decreto determinava ainda que, a capacidade máxima de crianças por sala referência não poderia ultrapassar 35%. Com isso, conforme as opções de retorno das famílias, foi necessário organizar escalonamento semanais, dividindo as crianças em dois grupos, sendo que cada um frequentava uma semana enquanto o outro permanecia em casa em atendimento remoto. Muitas famílias optaram por permanecer apenas com o atendimento remoto, uma vez que as crianças não haviam sido vacinadas e o contágio pelo vírus ainda era uma ameaça. Soma-se a isso o fato de apenas 24% das(os) profissionais que atuavam nas instituições estarem imunizadas(os) com a primeira dose da vacina contra o Coronavírus.

As crianças que retornaram à creche, já nas primeiras aproximações, demonstraram interesse pelo espaço e alegria por estarem de volta. Sentiam-se pertencentes a esse espaço, como demonstrou

Homem de Ferro³ ao expressar, com firmeza, “*Aqui é minha escola!*”. A Ratinho, em um dia em que precisou sair mais cedo devido a uma consulta médica, resistiu vigorosamente para não ir embora, para não deixar as brincadeiras com seus pares. Já a Mulher Maravilha, logo no início do retorno, estando apenas ela e suas duas educadoras, compartilhou que na manhã, antes de chegar à creche, havia acordado às três horas da manhã para ir à “*escola*”.

Essas falas e ações das crianças revelam a necessidade e o desejo de estarem juntas, sobretudo no espaço da creche, que se configura como um convite a vivências compartilhadas, às interações e às brincadeiras. Assim, é compreensível que elas, ao chegarem na creche, se aproximassem umas das outras, se olhassem e se tocassem, transgredindo dessa forma as orientações dos protocolos sanitários. Era preciso conviver, tocar-se, olhar de perto, conversar, partilhar momentos, brinquedos, objetos, espaços, saberes e culturas. O sentido de estar de volta à creche se fazia ao brincarem e interagiram com outras crianças, de estarem em comunhão novamente. Rinaldi (2016, p. 108) ressalta que as crianças têm

[...] o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se. Sua necessidade e direito de comunicar-se e interagir com outros emerge ao nascer e é um elemento essencial para a sobrevivência e identificação com a espécie. Isso provavelmente explica por que as crianças sentem-se dispostas a expressarem-se dentro do contexto de uma pluralidade de linguagens simbólicas, e também por que são muito abertas a intercâmbios e reciprocidade, como atos de amor. Elas não apenas desejam receber, mas também querem oferecer.

Apesar do desejo de estarem juntas, algumas crianças demonstraram, por meio do choro, estar desconfortáveis, sendo necessário um olhar mais atento às suas manifestações e estratégias para acolhê-las. Uma dessas estratégias foi a leitura sobre uma aventura do Coronavírus⁴, como um disparador para que as crianças pudessem conversar sobre o momento pandêmico que viviam. A primeira questão que abordaram versava sobre o porquê de não poderem se abraçar. Mulher Maravilha pontuou que não podiam “*Por causa do Coronavírus*”, explicando que “*o Coronavírus vai um pro outro*”. Outras crianças também se manifestaram, revelando compreensão com relação ao Coronavírus, ao que acontecia na sociedade naquele momento histórico e como elas “[...] são afetadas pelas sociedades e culturas que integram” (Corsaro, 2011, p. 32).

Esse diálogo reverberou em outros momentos da rotina das crianças, que continuaram mobilizando elementos relacionados à pandemia em diferentes linguagens. Alícia, por exemplo, desenhou o Coronavírus preso em uma cadeia. Ao mostrar sua produção para a docente, explicou: “*É o Corona, ele está preso. Pra não matar a gente*”, afirmando ser ele “*malvado*”. O desenho e a

³ As crianças serão aqui identificadas por nomes fictícios escolhidos por elas durante a realização da pesquisa.

⁴ História intitulada “Corona, uma aventura perigosa” disponível no canal “Bisnaga Kids”.

explicação da criança evidenciam que o Coronavírus foi incorporado ao seu repertório simbólico, sendo representado como uma ameaça que poderia ser controlada. Embora não seja possível afirmar quais significados a criança atribuía a essa representação, o episódio sugere que acontecimentos amplamente presentes em seu cotidiano também passaram a integrar suas produções e brincadeiras. Nessa perspectiva, observa-se que as crianças não apenas reproduzem elementos da cultura em que vivem, mas deles se apropriam em seus processos de interação, incorporando-os às culturas infantis por meio de diferentes formas de expressão (Corsaro, 2011).

Conviver no espaço da creche resgatou as relações. Amizades foram se constituindo aos poucos, fortalecendo-se no cotidiano, em especial nos momentos de brincadeiras. Gatinho e Princesa Ratinha expressaram essas relações de afeto e carinho estabelecidas entre as crianças nesse retorno. Ele silencioso, ela falante. Diferenças que não impediram o crescimento de uma amizade constituída entre as nuances do dia-a-dia, evidenciando que as amizades entre as crianças “[...] são construídas coletivamente pela participação ativa das crianças em seus mundos sociais e nas culturas de pares” (Corsaro, 2011, p. 165).

Certa vez, quando Gatinho estava incomodado e irritado no espaço do parque, a professora-pesquisadora procurava acalmá-lo quando foi surpreendida com a Princesa Ratinha, que se aproximou e sem dizer uma palavra o abraçou. Ele aceitou o abraço. Em complemento ao gesto de carinho, a menina afastou-se e colocando as mãos sobre o peito dele lhe disse: “fofo” e saiu correndo para continuar suas vivências no parque. Em outro momento, durante a brincadeira simbólica, Gatinho vendo a amiga deitada na cama com a coberta aproximou-se com seu objeto de apego, um tigre de pelúcia, e com delicadeza ajeitou a coberta sobre ela e deitou-se ao seu lado, sem palavras, mas com carinho. Para Fernandes (2021, p. 96) “As crianças, a partir de suas capacidades reflexivas, demonstram e definem seus afetos, refletindo sobre os mesmos e sobre a forma como se constituem nas suas relações de pares”. Nessa perspectiva, compreende-se que, ao se relacionarem com a(a) outra(o), aprendem em comunhão e se entregam a novas experiências que evidenciam um aprendizado de solidariedade, respeito e cumplicidade.

Expostas a uma nova rotina, as crianças foram se apropriando de um novo modo de convivência no espaço da creche, o que foi essencial, visto que as “[...] rotinas culturais servem como âncoras que permitem que atores sociais lidem com a problemática, o inesperado e as ambiguidades” (Corsaro, 2011, p. 32). Desse modo, meninas e meninos, enquanto atores sociais, não só apreendiam essas rotinas, mas as interpretavam, reproduziam e ressignificavam em suas brincadeiras.

Com isso, aos poucos, as crianças foram (re)estabelecendo suas brincadeiras preferidas, como, por exemplo, brincar na casinha no espaço externo da creche, cujas vivências, geralmente, aconteciam em torno da temática “cozinhar”. Utensílios de cozinha de brinquedo e recursos da natureza (folhas

secas, gravetos, etc.) proporcionavam materialidade à imaginação do grupo. Ora estavam em um restaurante do *shopping*, ora estavam em uma cozinha comum. Certa vez, a Mulher Maravilha, preparando uma refeição com folhas secas picadas, disse à professora-pesquisadora que estava fazendo dois tipos de comida: “*comida para criança e comida para adulto*”. Esses momentos evidenciam quão importante é a convivência entre as crianças, nos quais tiveram a oportunidade de compartilhar e dialogar sobre suas ideias. Sarmiento (2003, p. 8) elucida que “As culturas da infância constituem-se no mútuo reflexo de uma sobre a outra, das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações de pares”.

Durante suas brincadeiras as crianças foram apresentando suas ressignificações com relação aos materiais utilizados no contexto pandêmico, dando novos sentidos a esses de acordo com as circunstâncias. A máscara facial, por exemplo, tornou-se para Bruxa uma venda para os olhos, justificada por ela pelo fato de que “*ninguém quer ser meu amigo*”; cabe esclarecer que Bruxa teve dificuldades em integrar o grupo, o que lhe causou certo desconforto, pois, conforme as observações realizadas pelas educadoras, a criança tentava liderar as brincadeiras, mas na turma já haviam líderes consolidadas(os). Segundo Corsaro (2011, p. 161), “[...] obter acesso a grupos de brincadeiras, manter a interação e fazer amigos ainda são árduas tarefas para crianças [...] porque as crianças tendem a proteger o espaço compartilhado, objetos e jogos em curso contra o ingresso de outras”.

Em um contexto brincante, com a intenção de observar o que as crianças fariam com os materiais relacionados aos protocolos sanitários, a professora-pesquisadora disponibilizou máscaras faciais e frascos borrifadores junto a outros brinquedos. Os frascos borrifadores não chamaram a atenção das crianças, quanto às máscaras foram utilizadas de diferentes formas. Primeiro a Princesa Ratinha tentou colocar no rosto da boneca, percebendo que estava grande vestiu a boneca com a máscara, em uma nova alternativa de uso passou as alças da máscara entre seus braços, encaixando a boneca entre seu corpo e a máscara, tornando-se assim um “canguru” para carregar sua boneca. De imediato, outras meninas, como a Sereia, se apropriaram da ideia da amiga.

Ainda sobre a máscara facial, outros sentidos foram construídos por parte das crianças, como torná-la um cesto para carregar brinquedos, ou um escudo de braço, esponja de banho, bolsa canguru para carregar bebê/bonecas etc., o que reafirma a potência das crianças e a sua capacidade de criar, de imaginar, de ‘jogar com a realidade’, de transgredir, de produzir cultura (Silva, 2017). Observa-se o potencial de criatividade, de reinvenção, de exploração de possibilidades que as crianças possuem ao atribuírem outros sentidos à máscara facial, diferente daquele que se impôs a elas como forma de viver em sociedade durante a pandemia.

Em certa manhã, após brincarem no parque, retornando à sala referência, as crianças demonstravam-se cansadas. Princesa Ratinha deitou no chão sobre um tapete emborrachado e, cobriu-

se com um outro tapete, levou sua máscara facial até seus olhos, inibindo a luz, parecia estar “tomando sol”. Logo uma outra criança pegou um outro tapete para se abanar, incentivando outras a repetiram a ação. Todas as crianças começaram a rir, entregando-se à uma grande diversão. Concordamos com Sarmiento (2003, p. 14) que

O imaginário infantil, de acordo com a perspectiva que temos vindo a desenvolver sobre as culturas infantis, corresponde a um elemento nuclear da compreensão e significação do mundo pelas crianças. Com efeito, *a imaginação do real* é fundacional do seu modo de inteligibilidade. As crianças desenvolvem a sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo que as situações que imaginam lhes permitem compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem experiência vivida e interpretada.

Em outra ocasião, a professora-pesquisadora planejou uma proposta de contexto hospitalar, organizando na sala referência um cenário com diferentes itens: colchonetes, caixas de remédios (lacradas), aventais de hospital, brinquedos de artigos médicos (seringa, termômetro, caixinhas de remédios, curativos, maleta de médico e estetoscópio), bonecas, curativos adesivos, potes de álcool em gel (lacrados) e máscaras faciais. A rápida identificação desses objetos pelas crianças indica que eles faziam parte de seu repertório de experiências. Ao comentarem que o termômetro de brinquedo deveria acender uma luz, tal como os utilizados em consultas médicas, demonstraram que a brincadeira era organizada a partir de referências construídas em situações vividas para além da instituição.

Na dinâmica do faz de conta, as crianças assumiram diferentes papéis sociais, especialmente os de médicas(os) e pacientes, produzindo enredos nos quais procedimentos de prevenção e tratamento da Covid-19 ocupavam lugar central. Máscaras, álcool em gel, medicamentos e vacinas foram mobilizados como recursos de cuidado, aparecendo como prescrições recorrentes durante as interações. Quando Alícia orienta a professora-pesquisadora a utilizar uma segunda máscara porque estava contaminada pelo Coronavírus ou afirma que o álcool em gel “*vai tirar todo o corona*”, observa-se que práticas amplamente difundidas durante a pandemia são retomadas na brincadeira e reorganizadas segundo sua lógica própria. De modo semelhante, ao afirmar que, por ser médico, não precisava tomar injeção, Thor demonstra que os papéis assumidos no faz de conta produzem regras específicas para a organização da ação coletiva, conferindo sentidos particulares às posições ocupadas pelas personagens.

Esses episódios aproximam-se da noção de reprodução interpretativa proposta por Corsaro (2011), segundo a qual as crianças não reproduzem passivamente os elementos da cultura adulta, mas deles se apropriam em suas interações com os pares. Os objetos e práticas relacionados à pandemia

não aparecem nas brincadeiras como mera reprodução das experiências cotidianas; passam a integrar narrativas construídas pelas próprias crianças, nas quais assumem funções definidas pelo enredo lúdico e pelas negociações estabelecidas entre os participantes.

A vacina ilustra esse movimento. Em diversos momentos, foi apresentada como forma de cuidado e proteção, sendo prescrita às "pacientes" juntamente com medicamentos e álcool em gel. Thor, por exemplo, orientou a professora-pesquisadora: *"Você precisa fazer uma coisa, que vai ser muito legal! Você tem que pegar o remédio pra levar pra sua casa"*. Na sequência informou: *"Ah, e agora você vai tomar vacina!"*. Em outra situação, entretanto, algumas crianças correram pela sala empunhando seringas de brinquedo e anunciando a aplicação da "CoronaVac" como parte de uma brincadeira de perseguição. O mesmo elemento, portanto, assumiu funções distintas conforme o contexto da brincadeira. Os registros permitem afirmar que a vacina foi incorporada ao repertório simbólico das crianças e passou a compor diferentes enredos do faz de conta.

As situações observadas indicam que acontecimentos marcantes do contexto pandêmico passaram a constituir matéria-prima para a produção das culturas infantis. Em diálogo com Sarmiento (2021), compreende-se que, ao incorporarem objetos, práticas e discursos socialmente compartilhados às brincadeiras, as crianças produzem coletivamente novas formas de participação e significação no interior de suas culturas de pares. Assim, os episódios analisados evidenciam que elementos desse contexto foram apropriados, reorganizados e mobilizados nas brincadeiras e interações, assumindo funções definidas pelas lógicas da ação lúdica e pelas relações estabelecidas entre as próprias crianças.

Sarmiento (2021, p. 181) assevera que

As culturas infantis são constituídas pelos processos simbólicos através dos quais as crianças entretecem os fios de sentido com que interpretam o mundo e estabelecem as bases das suas interações com outras crianças e com os adultos. Apesar de profundamente embrenhadas nas culturas sociais e construídas na socialização com adultos de referência (sobretudo pais e professores) e na socialização de pares, as culturas infantis apresentam especificidades e características exclusivas nas suas formas (linguagem, jogos, práticas culturais, rituais, etc.), nos processos de significação, nos protocolos de comunicação e na articulação interna dos seus elementos.

No caso desta pesquisa, nesse contexto brincante, meninas e meninos expressaram seus saberes relacionados à pandemia, mencionando, a todo instante, o álcool em gel e a máscara facial, e embora a imaginação fluísse, não ignoraram a realidade. Compreendendo a importância desses materiais, que estiveram em evidência durante a pandemia, os traziam para suas brincadeiras, ora utilizando-os da forma convencional ora produzindo novos sentidos a eles, demonstrando especificidades que revelam uma diversidade cultural que emerge no interior de suas brincadeiras e

que são expressas nas interações entre si e com as educadoras.

Por meio das interações e de suas brincadeiras, as crianças expressam suas experiências, evidenciam seus medos, aprendem a lidar com suas frustrações e conflitos, desafiam regras, descortinam o universo adulto e reconstroem significados, ao mesmo tempo em que desvelam suas potencialidades, habilidades e capacidades, anunciando-se agentes de suas infâncias. “[...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (Corsaro, 2011, p. 15). Ao brincar e interagir elas não só reproduzem a cultura na qual convivem, mas intervêm, elaboram e reelaboram as culturas, estabelecendo novas conexões com o mundo físico e social, afirmando a importância de seu papel na sociedade como sujeitos sociais e de direitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia impactou a vida de todas e todos. No caso das crianças pequenas as privou do tempo e espaço de convívio com outras crianças e adultas(os) na creche. Lugar de vida pulsante que foi silenciada, mas que na tensão entre a proteção da saúde das crianças e a garantia de seus direitos procurou formas de manter vínculos e estar juntas(os) mesmo que distantes.

O retorno presencial à creche exigiu maior atenção às crianças, de modo a escutá-las e observá-las com respeito e sensibilidade, rompendo com as amarras que, por vezes, cristalizam olhares, para então compreender, nas brincadeiras e interações, **os processos pelos quais elas reinterpretaram, elaboraram e atribuíram novos significados às experiências vividas durante a pandemia**. Nesse processo, reconhecemos com Freire (2019) nosso compromisso ético, estético e político para com todas e todos a partir de uma escuta atenta e um olhar sensível, reconhecendo a criança como sujeito de intervenção no mundo e não de pura adaptação. Sujeito com direito de ser e estar no mundo com dignidade.

Os encontros entre as crianças e delas com as profissionais da creche demonstraram o desejo e necessidade de estarem juntas, algo que os protocolos sanitários não puderam impedir. Meninas e meninos revelaram a necessidade humana de conviver, de estarem em comunhão. Por meio das interações e brincadeiras evidenciaram que os tempos de pandemia não “apagaram” suas potencialidades, que mesmo cerceadas por protocolos sanitários foram capazes de produzir poéticas infantis acerca do contexto pandêmico, revelando atenção à realidade que viviam. Com suas produções, expressaram suas compreensões sobre o momento que viviam, marcaram seus territórios e defenderam o seu direito de brincar.

Nesses encontros brincantes, marcados pela construção de significados e compreensão da

realidade, bem como permeado por negociações e reelaborações, as crianças revelaram o quão potente é o brincar e quão hábeis elas são neste território, um campo de possibilidades e encantamentos.

Os episódios analisados revelam a competência das crianças para construir enredos, estabelecer acordos e reorganizar, segundo a lógica do faz de conta, acontecimentos que marcaram seu contexto social. Ao mesmo tempo, os resultados evidenciaram os limites do ensino remoto e híbrido para crianças pequenas, especialmente no que se refere às oportunidades de brincar, interagir e construir culturas de pares. Reafirmaram, ainda, a importância da creche como um espaço educativo capaz de promover ricas interações, desde que educadoras(es) reconheçam as crianças como sujeitos de direitos, produtoras de cultura e de conhecimentos, dispondo-se a aprender com elas em um movimento de *didiscência* (Freire, 2019), no qual ensinar e aprender constituem processos indissociáveis.

Refletir sobre as experiências das crianças no contexto da pandemia é, também, um exercício de olhar para o presente sem perder de vista a esperança. Em meio às rupturas e incertezas, as crianças reafirmaram, por meio do brincar, dos encontros e das múltiplas formas de estar com o(a) outro(a), a potência da vida que insiste em pulsar. Suas ações revelam que resistir também é criar, imaginar e reinventar o cotidiano. Com elas, aprendemos que a construção de outros modos de viver é possível: um mundo tecido na coletividade, no cuidado, na solidariedade e na amorosidade, onde a infância nos convida, permanentemente, a reinventar o humano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2020**. Brasília: MEC/CNE, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/pareceres-do-cne/cp/2020/pcp005_20.pdf. Acesso em 01 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, n. 17, p. 113-134, 2002. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/pagina17.htm>. Acesso em: 20 out. 2024.

CORSARO, William A. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (org.). **Teorias e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERNANDES, Noeli A. **Um estudo sobre as relações de gênero na educação infantil:** o que as famílias têm a ver com isso? 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

FINCO, Danila; SEVESO, Gabriella. Estereótipos de gênero e sexismo linguísticos presentes nos livros no contexto educativo para crianças. **Revista Zero a Seis**, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 206-220, jan./jun., 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2018v20n37p206/36721>.

Acesso em: 26 abr. 2022.

FINCO, Daniela; SILVA, Marta R. P. da; SCHIFINO, Renny S. Currículo, infância e (r)existências: o que as crianças nos ensinaram na pandemia. **Revista Cocar**, Belém, Edição Especial no.17/2023, p.1-20. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6471>. Acesso em 15 de abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GOBBI, Márcia A. Usos Sociais das fotografias em espaços escolares destinados à primeira infância. **Educação & Sociedade:** Revista de Ciência da Educação, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1213-1232, out./dez., 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/6fwQKVB6bFtkzpZMSNJnqRP/?lang=pt#ModalArticles>. Acesso em: 13 jun. 2022.

KOHAN, Walter O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020. Disponível:

<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MATA, Juan. O direito das crianças de sonhar. In: GOBBI, Márcia A.; PINAZZA, Monica A. (org.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 45-71.

OSTETTO, Luciana E. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. In: OSTETTO, Luciana E. (org.). **Registros na Educação Infantil:** pesquisa e prática. São Paulo: Papirus, 2017. p. 19-53.

PARR, Todd. **O livro Eu te amo**. São Paulo: Panda Books, 2010.

PEDROSA, Maria Isabel.; SANTOS, Mária de Fátima. Aprofundando reprodução interpretativa e cultura de pares em diálogo com Corsaro. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria A. (org.). **Teorias e prática na pesquisa com crianças:** diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 51-58.

PIMENTA, Daniele D. **O desenho de meninas e meninos na Educação Infantil:** um estudo sobre as relações de gênero na infância. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

RINALDI, Carla. O currículo emergente e o construtivismo social. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** a abordagem italiana de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 107-116.

SANTO ANDRÉ. Secretaria de Educação - DEIF/SE. **Decreto nº 17.679**, de 14 maio de 2021. Dispõe sobre as atividades escolares na cidade de Santo André, em razão da pandemia decorrente do Coronavírus. Santo André, 2021a.

SANTO ANDRÉ. Secretaria de Educação - DEIF/SE. **Orientação Normativa – DEIF/SE – Ensino Remoto**. Santo André, 2020.

SANTO ANDRÉ. Secretaria de Educação - DEIF/SE. **Orientações Normativa – DEIF/SE –**

Protocolos sanitários orientações, práticas de rotina e cuidados essenciais no atendimento de creches municipais e conveniadas do município de Santo André. Santo André, 2021b.

SARMENTO, Manuel J. Culturas Infantis / Children's Cultures. *In*: TOMÁS, Catarina; TREVISAN, Gabriela; CARVALHO, Maria João L.; FERNANDES, Natália (eds). **Conceitos-chave em Sociologia da Infância.** Perspectivas Globais / Key concepts on Sociology of Childhood. Global Perspectives. Braga: UMinho Editora, 2021. p. 179-185. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/handle/1822/75339>. Acesso em 20 abr. 2024.

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1467>. Acesso em 01 jul. 2026.

SARMENTO, Manuel J. Infância e Pandemia: (In)visibilidade e voz. **A criança e os seus direitos**, n. 4, mai./out., 2022. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/a314fd4f-f8c4-4aae-a444-d531cb5d7980/content>. Acesso em 01 jul. 2026.

SILVA, Giselle C. **As interações e o brincar no retorno presencial à creche em tempos de pandemia.** 2022. 230f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2022.

SILVA, Marta R. P. da. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 58, p. 83-100, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/12370>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SILVA, Marta R. P. da; DONATO, Tatiana B.; LACERDA, Fernanda D.; PINTO, Andréia P. A escuta na Educação Infantil: um diálogo com Paulo Freire e Loris Malaguzzi. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 48, n. 2, p. 488–503, 2023. DOI: 10.5216/ia.v48i2.75007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/75007>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SILVA, Marta R. P. da; FASANO, Edson. Crianças e infâncias em Paulo Freire. *In*: SILVA, Marta R. P. da; MAFRA, Jason F. (org.). **Paulo Freire e a educação das crianças.** São Paulo: BT Acadêmica, 2020. p. 57- 82.

UNICEF. **The State of the World's Children 2021: On My Mind** – promoting, protecting and caring for children's mental health. New York: UNICEF, 2021. <https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2021>. Acesso em 01 jul. 2026.

VIEIRA, Natália F. S. **A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia:** narrativas da trajetória de aprendizagem. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021.